

Ciência do esporte: formação de profissionais para a área da Educação Física/Espportes

Sport science: training professional for the area of Physical Education/Sports

SIMÕES RR, MOREIRA WW, GUIMARÃES AM. Ciência do Esporte: Formação de profissionais para a área da Educação Física/Espportes. **R. bras. Ci. e Mov** 2013;21(4): 172-179.

RESUMO: A área da Educação Física e Esporte há tempos discute os seus destinos e a sua organização, assim como as possibilidades de seu(s) objeto(s) de estudo. O escrito reflete sobre a Ciência do Esporte como uma área que estuda o ser humano que conhece e se apropria de tecnologias corporais, sendo o uso destas balizado por razões e padrões culturais, bem como por valorizações sociais. Na prática dos exercícios físicos, estes devem ser sistematizados e vivenciados com regularidade, com controle e de forma intencional. Com este entendimento a formação profissional deve colocar o esporte a serviço da arte de bem viver, perspectivando o sentido de saborear, de experimentar, por isso mesmo mais do que compreender e através do esporte devemos buscar a superação, a transcendência nas suas mais diferentes formas de manifestação. A formação também deve estar centrada na ação pedagógica exercida na escola formal e capacitar professores para desenvolver teorias e práticas esportivas que reforcem ideias de solidariedade, de aprendizagem social, de auto-organização, de atitudes éticas e estéticas. É necessário aproveitar melhor o potencial social e educativo do fenômeno esportivo.

Palavras-chave: Formação Profissional; Corporeidade; Ciência do Esporte.

Abstract: The area of Physical Education and Sports has long discussed their destinations and their organization as well as the possibilities of your object study. The writing reflects on Sports Science as a field that studies the human being who knows and appropriates bodily technologies being based by the use of these reasons and cultural patterns as well as by social valorization. In the practice of physical exercises, they must be systemized and experienced regularly, with control and intentionally. With this view the training professional should be adequate the sport at the service art of living well, regarding to the sense of taste, to experience, even more so than understand through sport and we must to overcome, the transcendence in the different forms of manifestation. Training should also be focusing on pedagogical action exercised in formal school and train teachers to develop theories and sports practices that enhance ideals of solidarity, social learning, self organization, ethical and aesthetics attitudes. It is necessary to enjoy the social and educational potential of sport phenomenon.

Key Words: Training Professional; Corporality; Sport Science.

Regina R. Simões^{1,2}
Wagner W. Moreira^{1,2}
Alexandre M. Guimarães^{2,3}

¹Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM
Mestrado em Educação Física
²Núcleo de Estudos e Pesquisas em Corporeidade e Pedagogia do Movimento – NUCORPO
³Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

Enviado em: 02/12/2013
Aceito em: 09/12/2013

Contato: Regina Rovigati Simões - rovigatissimoes@uol.com.br

Há muito tempo se discute na área da Educação Física e Esportes os seus destinos e a sua organização, bem como as possibilidades da identificação de seu(s) objeto(s) de estudo. Nesta reflexão, a partir da Ciência do Esporte, nos propomos a desfiar alguns argumentos para contribuir com a análise desses temas. As proposições aqui arquitetadas são sugestões para o debate e nunca imposições de forma de pensar, atitude essa que parece estar ausente nos meios acadêmicos mais caracterizados por posturas dogmáticas.

Advogamos a interpretação de que a Ciência do Esporte é uma área que estuda o ser humano que conhece e se apropria de tecnologias corporais, sendo o uso destas balizado por razões e padrões culturais, bem como por valorizações sociais. Ainda mais, quando da prática dos exercícios físicos, estes devem ser sistematizados e vivenciados com regularidade, com controle e de forma intencional.

Desde já alguns pontos de partida:

– O Esporte, por ser um fenômeno social mais amplo e de maior longevidade na história da sociedade ocidental, engloba a tradicional Educação Física.

– A área do Esporte, e por consequência a da Educação Física, tem íntima relação com conhecimentos atrelados às vertentes educacionais (pedagógicas) e biológicas. Claro está que ambas situam suas preocupações com o ser humano.

– A função do profissional da Ciência do Esporte quer seja na saúde quanto na educação é sempre pedagógica. O destino desse profissional é ser educador.

A partir deste pano de fundo podemos levantar dois pontos para reflexão.

1. Na década de oitenta do século passado, momento em que a Educação Física passou por uma grande transformação oriunda de pensamentos teóricos mais consistentes, a preocupação com o esporte foi, de certa forma, deixado de lado, parecendo ser este o responsável por grande parte das mazelas da área. Podemos afirmar, até com certa clareza, que os professores de Educação Física passaram a desprezar esse conhecimento como algo menor. O importante era realizar

pesquisas com enfoques nos aspectos funcionais do treinamento, produzir artigos nas abordagens sociais, históricas e pedagógicas, acreditando na possibilidade de legitimar a área ou mesmo tirá-la do seu caminho acrítico.

Temos a constatação do grande número de produções acadêmicas advindas desse período, provocando uma verdadeira revolução na Educação Física. Se isto pode ser considerado importante, e o é, de outro lado o fenômeno esportivo foi esquecido nessa revisão teórica, continuando ser processado na forma tradicional e perdendo seu valor de status até então. Argumentos como competição, por exemplo, foram sumariamente descartados, considerados vilões a serem extintos, e não merecedores de um reprocessamento conceitual pelos profissionais da área.

Houve, inclusive, propostas de se retirar do âmbito escolar a prática esportiva por esta não poder se consumir como um processo educacional. Como se vê, pode-se ter cometido um grande equívoco: ao invés de procurar transcender ao já conhecido e vivido no esporte, ofertou-se a proposta de eliminação do esporte como solução ao problema. Claro está que apareceram vozes contrárias a esta caminhada.

Se hoje olharmos a produção acadêmica das últimas décadas do século XX no Brasil no que diz respeito à Educação Física, nota-se ênfase nas análises filosóficas, sociológicas, antropológicas, históricas de um lado, e de outro, biomecânicas, cinesiológicas, fisiológicas e anatômicas, para as quais o esporte era apenas o meio ou a aplicação desses conhecimentos, não se caracterizando como o ponto central da identificação de uma possível área científica. Este quadro não se extingue no século XX, permanecendo entre nós nestes anos do novo século.

O movimento de profissionais da área no sentido de (re)significar a Educação Física/Esporte Escolar, momento em que são apresentadas várias abordagens pedagógicas estruturadas em teorias mais consistentes do ponto de vista epistemológico e de compromisso social parece não ter se assentado. Pesquisas atualizadas demonstram um problema a ser superado. As críticas feitas ao tradicionalismo da Educação Física/Esporte

Escolar, necessárias como primeiro passo para qualquer possibilidade de mudança, não resultaram em novas propostas de operacionalizar a disciplina no interior da escola. Hoje, em muitos casos, a Educação Física/Esporte na Escola transformou-se em momentos de recreação apenas, eximindo muitas vezes o professor de sua responsabilidade de transmissão de conhecimento, de competências e habilidades.

Também é deste período o aparecimento de um bom número de programas de mestrados e posteriormente doutorados, fato esse propositivo de um pensar contextualizado, rigoroso e com radicalidade sobre os conhecimentos relacionados à Educação Física e ao Esporte. De forma concomitante, muitos profissionais da área buscaram seus títulos de mestres e doutores em outras plagas, em especial no universo da educação e em programas da área da saúde.

Como conclusão a este item, podemos dizer que houve a transposição do momento acríptico da Educação Física para o momento de questionamentos e de produções de pesquisas científicas, dotando a área de certo respeito, certamente podendo ser considerado esse instante como muito positivo. Por outro lado as diferenças conceituais se explicitaram e não soubemos ter a maturidade suficiente para diálogos mais proveitosos, aparecendo grupos fechados e dogmáticos que se degladiavam entre si impedindo certo consenso para a área, dificultando o caminhar de posturas distintas, mas respeitadas em favor do necessário entendimento da pluralidade filosófica, condição vital para o desenvolvimento do pensamento científico.

2. Passado, presente e futuro da ação hegemônica do Professor/Profissional de Educação Física/Esporte. Eis o quadro angustiante. Já em Moreira¹ este assunto foi tratado.

Constatar o até aqui relatado não nos permite, ao mesmo tempo, negar o acontecido e nem acreditar que não há propostas para a superação do quadro atual. Confiados nisto é que continuamos as nossas reflexões, propondo sugestões para a superação do trato com o corpo pela área da Educação Física/Esporte.

Entendemos que há duas opções fundamentais para esse fim: a primeira diz respeito a entender a corporeidade como princípio básico de concepção de corpo que deve permear a área de conhecimento, o que nos leva à fenomenologia existencial e à complexidade; a segunda está em centrar na Ciência do Esporte o foco de formação profissional.

2.1. O Fenômeno Corporeidade na Ciência do Esporte

Desde logo, para evitar interpretações ingênuas, lembramos que corporeidade não é o objeto de análises científicas exclusivas de estudos da área da Ciência do Esporte, como, aliás, não é objeto científico de nenhuma área de conhecimento em particular. Corporeidade é uma atitude que deve nortear os profissionais pesquisadores que trabalham com o corpo, com o movimento, com o esporte, tanto no sentido coletivo quanto no individual.

Por que a corporeidade deve ser o eixo norteador da Ciência do Esporte enquanto área de produção de conhecimento científico? A principal função da Ciência do Esporte no mundo do trabalho, e para isto forma profissionais, é pesquisar o ser humano que conhece e pratica o exercício físico sistematizado de forma intencional, com regularidade e com controle, preocupando-se com o ensinar, daí sua característica pedagógica. Quer estando o graduado nessa área atuando na educação, quer esteja atuando na saúde, ou mesmo quer atue em modalidades esportivas ou na ginástica esse fenômeno complexo e de largo desenvolvimento no último século, a função do profissional de Ciência do Esporte é pedagógica. Ele deve, na escola, ensinar os conhecimentos históricos da área de maneira contextualizada; na saúde, colaborar no ensino para a apropriação de hábitos salutaros que resultem na melhoria da qualidade de vida; nas modalidades esportivas, propiciar a aprendizagem e a vivência destas além de alargar o conhecimento na direção de condicionamentos físicos os mais variados, sempre no sentido do movimentar-se na direção do outro, na direção das coisas ou do mundo, com intencionalidade, com regularidade e com controle da atividade. Isto é conseguido com qualidade se a atitude da corporeidade estiver presente.

Além do mais, constata-se que ao longo do tempo é possível afirmar que há duas correntes tentando compreender o corpo humano. A primeira que pode ser chamada do lado de fora, tradicional e ainda hegemônica nas ciências, a qual define corpo a partir de uma representação que dele é feita e a ele aplicada. Desde Descartes o exemplo mais conhecido para isto é o da máquina. A metáfora máquina era válida para o corpo e para tudo o mais, incluídos aqui homem e universo. A segunda pode ser caracterizada como ver do lado de dentro e o ponto de partida dessa interpretação é a percepção do ser vivo como um sistema auto-referido. Daí uma asserção imperiosa: o ser vivo (e por consequência o corpo deste) só é compreendido a partir dele mesmo. É o que foi denominado de autopoiese². Nota-se uma diferença fundamental entre as duas concepções: a corporeidade é um sistema auto-referido que se desenvolve a partir de si mesma na perspectiva da auto-organização e da autoconstrução, funções essas intercambiadas com o meio ambiente; a máquina é um sistema alo-referido necessitando de um agente exterior que a projeta e a construa.

Advogar corporeidade, agora no sentido educacional, é lutar pelo princípio de uma aprendizagem humana e humanizante, em que, em sua complexidade estrutural, o ser humano passa a ser considerado a um só tempo totalmente antropológico, psicológico e biológico. O corpo do homem não é um simples corpo, mas corporeidade humana, só compreensível através de sua integração na estrutura social. Falar de uma educação do corpo, é falar de uma aprendizagem humana, é aprender de maneira humana (por isto existencial) a ser homem, a existir como ser humano. Falar de uma educação do corpo é explicitar a corporeidade.

Moreira³ já afirmou que a corporeidade é, existe e possui, através da cultura, significado. Daí a constatação de que a relação corpo-educação, por meio da aprendizagem, significa aprendizagem da cultura – dando ênfase aos sentidos dos acontecimentos –, e aprendizagem da história – enfatizando aqui a relevância das ações humanas. Corpo que se educa é corpo humano que aprende a fazer história fazendo cultura.

Corporeidade, enquanto sujeito/objeto de estudo da educação, nos leva a considerá-la ao mesmo tempo pessoal, política, cultural e histórica, pois, essas dimensões representam a estrutura do fenômeno humano sem reduzi-lo a nenhum de seus elementos.

Retornando a Moreira¹ temos que a Ciência do Esporte, ao estudar a corporeidade em movimento, deve estar atenta a que esse movimento do sujeito em direção ao mundo é algo anterior a qualquer explicação possível de mundo, mesmo porque o mundo não pode ser substituído pela significação de mundo. O que está em jogo são as experiências vividas na compreensão do mundo e do ser. Nos dizeres de Merleau-Ponty⁴: “Mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (p.14).

Se pensarmos na tradição, vemos a área Educação Física/Esporte estudando o esquema corporal, estudo este relacionado à neurologia clássica em que a preocupação é determinar as partes do corpo e suas respectivas funções. Merleau-Ponty⁴, por sua vez, faz uma nova leitura desse tema para além da identificação das partes do corpo, definindo-o como propriedade do organismo que garante a integração do mesmo com o mundo. Pode-se afirmar que esta nova noção coloca o conceito de esquema corporal sob a leitura da filosofia, significando o termo uma possível maneira de exprimir a facticidade do corpo no mundo, não como coisa, mas como presença viva em movimento.

Também em Merleau-Ponty⁴ encontramos o entrelaçamento entre motricidade e corporeidade, formando uma unidade visível nos movimentos, sejam estes decorrentes de ações cotidianas ou de hábitos de movimento mais complexos como no esporte e na dança. É através do corpo que temos o mundo, ora ele se limitando aos gestos necessários à conservação da vida e, correlativamente, pondo em torno de nós um mundo biológico; ora, brincando com seus primeiros gestos e ao mesmo tempo passando de seu sentido próprio ao figurado, manifestando através deles um novo núcleo de significação, como, por exemplo, os hábitos motores na vivência da dança.

Corporeidade, educação e humanismo, três pontos básicos que devem preocupar os profissionais que atuam na formação profissional em Ciência do Esporte.

2.2. A Ciência do Esporte e a Formação Profissional

Discutir a Formação Profissional em Ciência do Esporte implica em trazer a este escrito o sentido da ética e suas consequências na existência humana. Para Heidegger⁵ a exacerbação da racionalidade leva ao esquecimento da meditação do sentido da existência e, ao mesmo tempo, proporciona a emergência do sentido de calcular a realidade dentro dos padrões matemáticos, científicos e técnicos. A razão *meditante* reduziu-se à razão *calculante*. Desta forma o século XX colhe os resultados desta alteração, presente em especial desde Descartes, proporcionando uma geração a qual perdeu o sentido da profundidade ontológica. Tornamo-nos errantes, sem certezas e estamos a construir rumos mal definidos.

Daí afirmarmos que qualquer proposta de modificação a ser sugerida, inclusive na ciência, deve partir de pressupostos éticos. Daí nos apossarmos do pensamento de Heidegger⁵ sobre a razão *meditante*, porque ela permite, pela meditação/reflexão, redescobrir a qualidade ontológica da vida e a partir disto somos convocados a participar do sentido global da existência humana no mundo. O ser humano é existência e esta se explicita na forma relacional. Só há sentido no humano a partir da convivência. É ética, neste contexto, não pode ser algo individualizante. Não se pode ser ético sem a presença do outro. Não está aqui um excelente ponto de largada para a estruturação de uma epistemologia da Ciência do Esporte? O fenômeno esportivo não é rico em propiciar encontros, em exigir a presença de outros para que possa ocorrer?

Infelizmente quando se trata do fenômeno esportivo os meios de comunicação quase sempre divulgam suas mazelas, revelando um mundo desprovido de valores éticos. Apenas como exemplo, mencionamos a pesquisa realizada por Simson e Jennings⁶, a qual mostra escândalos ligados ao poder, dinheiro e drogas nos Jogos Olímpicos modernos. Os autores revelam inclusive que

encontraram mais dificuldades para a realização dessas pesquisas junto ao mundo esportivo do que junto a outros universos que haviam investigado como a máfia e o terrorismo. Os problemas existem não se pode negar, mas devemos, como profissionais da área, trabalhar no sentido de reverter a situação, mesmo porque a outra face do esporte, estruturada em virtudes, pouco é divulgada.

Iniciarmos a argumentação calcados no tema ética e este, no universo das práticas de modalidades esportivas, faz-se necessário porque a vida exige limites, o que impõe inibições também no vivenciar as modalidades esportivas. Há sempre que se respeitar a essência da vida. Para isso é fundamental não confundirmos os problemas que surgem no esporte com problemas intrínsecos do esporte, erro muito comum quando associamos temas, por exemplo, violência e esporte. Diz-se, muitas vezes, que não se pode desenvolver o esporte na escola, através de suas modalidades, porque ele produz violência. É sempre oportuno lembrar que a violência está no meio social propiciando uma prática esportiva violenta. Uma sociedade não violenta não propicia a prática violenta de modalidades esportivas ou de outros conteúdos históricos da área.

A reflexão sobre ética é necessária porque o fenômeno esportivo é muito mais complexo do que podemos pensar. Daí concordarmos com Garcia e Lemos⁷ quando demonstram a alegria causada pelo esporte junto às crianças e mesmo junto aos adultos que torcem pelos seus times e seleções quando estes vencem. Por outro lado revelam a emoção, a comoção e as lágrimas destes seres humanos perante a derrota. O esporte é campo de sonhos, de poesia, de utopia. É campo do humano, momento que que o homem demonstra o quão humano é.

Vale a pena lutar pelo esporte, seja ele qual for, por estar ele estruturado numa visão ética da pessoa humana.

Novamente em Moreira¹ indicamos que buscar uma formação humana na Ciência do Esporte é imperioso, porque vivemos um momento da história da humanidade de preferência tecnológica e de um consumismo exacerbado. Presenciamos que a pessoa

humana perdeu sua característica de sublime, ligando-se apenas ao valor de uma vida instrumental. Há, por toda a parte, sentimentos de desesperança, de desencantamento, condições propícias para a desumanização. Um esporte ou mesmo uma modalidade esportiva no qual a dignidade se perde não pode ser considerado esporte. A formação nessa área de conhecimento deve colaborar para a compreensão da pessoa humana.

A Ciência do Esporte pode nos ajudar no desenvolvimento de uma educação de valores. Valores como beleza e estética, estruturadas na perspectiva humanista, deixam de ser futilidades e agregam-se ao sentido existencial da vida. Conhecer o fenômeno esportivo e saber a ética, binômio indispensável para a formação profissional na área. Essa associação permite a luta para que mais pessoas tenham o direito de conhecer e praticar o esporte que mais lhe agrada. Permite a vivência da busca do rendimento e da superação como valores inerentes à condição humana.

Bento⁸ explicita uma lista de valores que podem ser adquiridos no esporte, os quais devem estar presentes na formação profissional em Ciência do Esporte. Dentre eles destacamos:

- colocar paixão e emoção naquilo que se faz;
- exercitar a disciplina e a autodisciplina para gerir bem o tempo no dia-a-dia;
- ter comportamento de renúncia de estrelismo quando o trabalho em equipe assim o exigir;
- interagir com outros seres humanos, seja colegas, adversários, árbitros e torcedores;
- comportar-se corretamente e de forma ética, respeitando as regras do jogo e o adversário como forma de respeito a si próprio;
- desenvolver competências variadas: motora, física, técnica, tática, afetiva, cognitiva;
- desenvolver as capacidades de resistência e de persistência, considerando que a vida por um lado é bela e por outro é dura, e vitórias e derrotas sempre estarão presentes, exigindo para as últimas a atitude de nunca desistir, de saber lidar com as adversidades e com os erros;
- incorporar o gosto e o risco de tomar decisões;

- habituar-se a assumir responsabilidades e a aceitar críticas;

- cultivar a imaginação e a criatividade, qualidades que o jogo possibilita de forma quase ilimitada.

A complexidade do fenômeno esportivo está a exigir da formação profissional em Ciência do Esporte uma atenção permanente na missão de preparar seus egressos. Só como pequeno exemplo da abrangência dessa área, citamos alguns títulos dos artigos que compõem a obra “Professor de Educação Física: ofícios da profissão” organizada por Lebre e Bento⁹: novos campos de atuação para o profissional de educação física; professor de educação física: um profissional da complexidade; da aprendizagem motora à pedagogia do movimento: novos insights acerca da prática de habilidades motoras; atuação do professor de educação física no campo da saúde; promoção de saúde nos programas de educação física: educação para um estilo de vida ativo; da sociedade ao corpo: alterações axiológicas – implicações para os profissionais de educação física; o idoso entre a ciência e a poesia; do século do idoso – verdade ou ficção?; o papel do desporto; educação física e esporte: da teoria pedagógica ao pressuposto do direito; pedagogia do desporto: novas questões velhos problemas.

Há outra área de conhecimento humano, na perspectiva científica, tão abrangente como esta? Não seria a Ciência do Esporte e a tradicional Educação Física constituída por aquilo que chamamos de uma área transdisciplinar de conhecimento? Afinal, quais olhares gostaríamos de evidenciar como balizadores de valores para a formação profissional em Ciência do Esporte? Provavelmente aqueles que busquem identificar no fenômeno esportivo a sua íntima relação com a arte, que trabalhem com o princípio de corpo possível de superação e transcendência, descartando a busca de um corpo perfeito padronizado por uma estética definida como um modelo ideal, mas que está fora dos corpos esportistas. As trilhas aqui sugeridas nos levam a um conhecimento e a uma prática de esportes assentes em valores culturais.

Participar da Formação Profissional em Ciência do Esporte é lutar para que os egressos desse curso incorporem a missão de colocar o esporte a serviço da arte

de bem viver. É saber, no sentido de saborear, de experimentar, por isso mesmo mais do que compreender, que através do esporte devemos buscar a superação, a transcendência nas suas mais diferentes formas de manifestação.

Voltando a Moreira¹ lembramos que a formação profissional em Ciência do Esporte deve, quando centrada na ação pedagógica exercida na escola formal, capacitar professores para desenvolver teorias e práticas esportivas que reforcem ideias de solidariedade, de aprendizagem social, de auto-organização, de atitudes éticas e estéticas. É necessário aproveitar melhor o potencial social e educativo do fenômeno esportivo. Por essa razão a preocupação com a formação do profissional da Ciência do Esporte.

O esporte e o mundo esportivo são hoje considerados um acontecimento cultural de significado universal. A partir desta constatação, Bento⁸ nos indica *três fatos* decorrentes dessa evolução. O *primeiro* tem a ver com a alteração do conceito de cultura hoje propagado no pensamento pós-moderno, no qual são incluídas todas as expressões da vida humana. A cultura e a criatividade deixaram de estar apenas nos locais habituais tradicionais e passaram a morar também nas ruas, praças e estádios. O *segundo* fato é que o esporte criou e desenvolveu uma cultura específica que nos é apresentada através de: instituições, legislação, bibliografia, revistas, jornais, noticiários de rádios e televisões, indústria de materiais, moda, estilos de vida, etc. Também o fato do esporte entrar na universidade, como matéria acadêmica e ou como área de conhecimento, implica em dedicar a esse fenômeno atenção educativa e de investigação científica. O *terceiro* fato é que todo esse contexto propiciou ao esporte passar de influenciado a influenciador, adquirindo o poder de influenciar e desportivizar a vida, a sociedade e a cultura.

O esporte é um fenômeno sociocultural de pleno direito, realizando a ação dialética de ser transformado e ao mesmo tempo transformar o contexto social. Eis a força do esporte nos dias de hoje.

Pensar no esporte nesta abrangência, com as atitudes balizadas nos valores descritos ao longo deste

texto e elas propiciando a sedimentação de uma ética esportiva, via formação profissional em Ciência do Esporte, eis a ousadia utópica desta tarefa.

Para aqueles que possam considerar a argumentação levantada neste escrito como fruto de um pensar idealista, dizemos que estão certos. Mas, o sentido de idealista aqui presente é o indicado por Ingenieros¹⁰, que já em 1913 escreveu um livro intitulado *El Hombre Mediocre*, no qual mostrava, entre outras considerações, que sempre haverá idealistas e medíocres. Nos primeiros habitam dignidade, gênio, virtude, qualidades estas que propiciam a imaginação na direção da originalidade. Nos segundos encontramos servilismo, torpeza, hipocrisia, o que os leva a experiências de submissão.

Os idealistas devem ser valorizados porque são espíritos febris por algum ideal e mostram-se adversários da mediocridade; são sonhadores contra os utilitaristas; entusiastas que contrastam com os apáticos; generosos combatendo os calculistas; indisciplinados enfrentando os dogmáticos. Possuem a capacidade de diferenciar o mal que observa e o melhor que imagina. Os homens sem ideais são quantitativos, tendo a capacidade de apreciar o mais e o menos, mas não conseguem distinguir o melhor do pior. Dos imaginativos espera a ciência, as suas hipóteses; a arte, o seu voo; a moral, seus exemplos e a histórias suas páginas mais significativas.

Movimentemo-nos, pois, na direção de nossas utopias.

Referências

1. Moreira WW. Formação profissional em ciência do esporte: homo sportivus e humanismo. In: Bento JO, Moreira WW. **Homo sportivus: o humano no homem**, Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física; 2012, p.113-180.
2. Maturana HR, Varela FG. **De máquina a seres vivos**. Porto Alegre: Artes Médicas; 1997.
3. Moreira WW. Corpo presente num olhar panorâmico. In: Moreira WW. organizador. **Corpo presente**. Campinas: Papirus; 1995, p.17-36.
4. Merleau-Ponty M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes; 1994.
5. Heidegger M. **Ser e tempo**. Petropolis: Vozes; 1989.

6. Simson V, Jennings A. **Os senhores dos anéis**: poder, dinheiro e drogas nas olimpíadas modernas, São Paulo: Bestseller; 1992.
7. Garcia R, Lemos K. **Temas (quase éticos) de desporto**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física; 2011.
8. Bento JO. **Desporto discurso e substância**. Porto: Campos das Letras; 2004.
9. Lebre E, Bento JO. organizadores. **Professor de educação física**: officios da profissão, Porto: Universidade do Porto; 2004.
10. Ingenieros J. **O homem medíocre**. Campinas: Edcamp; 2003.